

Elogio da Transmissão

Olga Pombo

Agradeço as palavras simpáticas que me foram dirigidas. De facto, como o António Cruz dizia, esta é já a terceira ou quarta vez que venho a esta Escola. Para vosso sossego, esperemos que seja a última.

Em relação ao tema proposto, pensei três coisas. **Em primeiro lugar**, que esta Escola teve já outros momentos para falar sobre livros que acabam de sair e que, mais uma vez, escolhe um livro para dar o nome a uma sessão¹. O que supõe que, aqui, as pessoas lêem os livros que acabam de sair - virtude imensa e rara - e que, depois de os lerem, têm vontade de falar sobre eles. Há um livro cujo título dá o nome à sessão – o que já aconteceu outras vezes, inclusivamente com um livro meu, *A Escola, a Recta e o Círculo*² - e cá estou eu, mais uma vez - e com muito gosto - a retomar este hábito tão bonito de falar nesta Escola acerca de um livro que acaba de sair.

Em segundo lugar, o tema interessou-me porque me dava a oportunidade de dar continuidade a uma luta que venho travando em favor da palavra transmissão. O que está em jogo é, do meu ponto de vista, a distinção muito clara entre ensino e educação. As primeiras vezes que defendi a necessidade dessa distinção as pessoas ficavam quase escandalizadas. Continuarei a defender essa distinção até que alguém me convença do contrário. Não quero dizer que não esteja disponível para reconhecer o eventual erro da minha posição. Simplesmente, como fui eu que abri as hostilidades, como disse e repeti o que penso, e como o penso ter feito de forma séria e razoavelmente fundamentada, cabe agora aos outros ripostar. Num texto que o meu amigo Adelino Cardoso, aqui presente, publicou, há muitos anos, numa revista que ele editou – mais exactamente, no número 1 da revista “Logos”, em 1984, já lá vão 22 anos... – já eu bramava a favor da transmissão³. Depois, por aí fora, fui publicando outros trabalhos. E, todos eles, batem nessa tecla. O livro

¹ Georges Steiner, *Èloge de la Transmission. Le Maître et l'Élève*, Paris : Albin Michel, 2003, p. 60.

² Cf. Olga Pombo, *A Escola, a Recta e o Círculo*, Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

³ Cf. Olga Pombo, “Pedagogia por Objectivos / Pedagogia com Objectivos”, *Logos*, nº 1 (1984), pp. 43-72 (retomado in Olga Pombo, *A Escola, a Recta e o Círculo*, Lisboa: Relógio d'Água, 2002, pp. 96-132.

*Quatro Textos Excêntricos*⁴ é uma antologia na qual os textos estão organizados em grande medida em torno deste tema. O livro, *A Escola, a Recta e o Círculo* retoma essa questão, explicita-a, procura fundamentá-la de forma histórica e sistemática. “*O insuportável brilho da escola*” - texto recente e que tem tido algum impacto⁵ - remete para uma escola cujo brilho é insuportável justamente porque ela é aí defendida como o lugar da transmissão. Portanto, tenho vindo a travar uma luta muito longa, muito sozinha, muito solitária, sempre a fazer o elogio da transmissão. O que, para mim, como vos disse, passa por separar ensino de educação. Uma vez, fiz mesmo uma conferência (por sinal numa escola, em Ponta Delgada, com o nome de um outro ilustre Açoriano: o Liceu Antero de Quental) que se intitulava: “Para separar de vez ensino e educação”. Compreendem portanto como este vosso convite me agradou.

A **terceira observação** tem a forma de uma interrogação: por que é que nós, nos finais do século XX, temos que fazer o elogio da transmissão? Por que é preciso fazer hoje o elogio da transmissão? O que é que aconteceu para que tenhamos necessidade de fazer o elogio da transmissão? Sendo nós humanos, o que é que justifica que seja necessário fazer ainda o elogio da transmissão? Que seríamos nós sem a transmissão? Não vale a pena falar da transmissão genética, que também é uma transmissão. O que seríamos nós sem a transmissão genética? Também não quero falar do *Menino selvagem*, que é uma bela história sobre a transmissão. Ou sobre a ausência dela. História aliás recorrente: acabou de aparecer uma menina no Camboja que esteve dezanove anos isolada. O que não lhe foi transmitido é abissal.

Se fôssemos imortais, então, sim, não precisaríamos da transmissão. Cada um de nós teria uma vida imortal e, em conjunto, poderíamos viver vidas paralelas, uns ao lado dos outros. Cada um teria o seu percurso igualmente imortal. Encontrar-nos-íamos no acaso das nossas vidas eternas e não precisávamos de fazer nenhum elogio da transmissão. Mas, sendo nós mortais, condenados a articulações apenas horizontais, para fazer passar alguma coisa de geração em geração, para garantir alguma verticalidade, tivemos que inventar e instituir diversificadas formas de transmissão (dos sons, da fala, dos nomes, da propriedade, dos bens, da fortuna, dos mitos, dos ritos, dos saberes). A partir do momento em que somos mortais - e essa condição parece ser irrecusável, irremediável, incontornável - por muito que nos custe, não há como não fazer o elogio da transmissão. Ou melhor, o que é estranho é termos ainda que fazer esse elogio.

⁴ Cf. Olga Pombo, *Quatro Textos Excêntricos*, Lisboa: Relógio d'Água, 2000

⁵ Cf. Olga Pombo, “O Insuportável Brilho da Escola”, in Alain Renaut et alii, *Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 31-59.

Convém talvez perguntar **o que significa a palavra transmitir**. *Trans* e *mitir*. O *trans* conhecemos nós bem: do atravessar a rua, da transversal, do trapézio. O *trans* significa justamente através de. O *mitir*, do verbo latino *mitto*, *misi*, *missum* significa atirar, deixar ir, soltar, largar, enviar. A missiva e o míssil têm aqui a sua raiz. Transmissão pois de alguma coisa que se envia através de, que é enviada de um lado para o outro e que, portanto, atravessa qualquer coisa. No nosso caso, podíamos perguntar **o que é** que transmitimos e como é que transmitimos aquilo que transmitimos? Isto seria a primeira pergunta. A segunda pergunta seria a de saber por que é que hoje temos de fazer o elogio da transmissão?

O que é que se transmite? Transmitimos os **genes**, os traços fisiológicos, a cor dos olhos. A transmissão mais decisiva seria justamente a transmissão genética. Transmitimos também os traços caracteriológicos, os traços de personalidade, ou apenas os traços genéticos? Sabemos que estas questões estão na ordem do dia. Recentemente, Richard Dawkins defendeu a tese de que há uma espécie de gene - a que ele chama **meme** - que, no fundo, seria o fundamento da transmissão cultural⁶. Como diz, “uma unidade cultural que se transmite”. Numa espécie de analogia entre a transmissão genética e a transmissão cultural, Dawkins defende que tudo aquilo que no mundo dos humanos passa de uns para outros, por imitação, pelo exemplo, são memes. Dawkins dá vários exemplos: um fragmento de linguagem, uma melodia, uma moda, um poema, uma maneira de fazer cerâmica ou de construir um arco, tudo isso seriam memes e portanto, em última análise, a tradição seria um conjunto complexo de memes, aquilo a que chama um plexus, uma articulação de memes. Aquilo que atravessa gerações de humanos, que é transmitido pelos humanos, não geneticamente, mas por imitação. Dawkins tem uma outra tese, ainda mais ousada, também interessante: assim como há um darwinismo, uma transmissão que obedece a uma lei evolutiva do ponto de vista dos genes, haveria também traços culturais que seriam preferidos e mantidos, ao contrário de outros, que iriam sendo abandonados.

Mas há muitas outras coisas que se transmitem. Por exemplo, a gripe, o riso, o sarampo, todas as doenças infecciosas. Aqui a transmissão é por **contágio**. Sabemos como estamos hoje num mundo onde as diferenças são muito grandes e, portanto, os contágios são muitos. Sabemos como somos assaltados por uma ideologia do perigo dos contágios. Haveria muito a dizer sobre a questão dos contágios.

Transmitem-se ainda bens e propriedades. As **heranças** também se transmitem. Transmitem-se afectos e sentimentos através de uma coisa que se chama a **empatia** e a **simpatia**. *Pathos*, uma espécie de união,

⁶ Cf. Richard Dawkins, *The Selfish Gene*, Oxford: Oxford University Press (1976).

articulação, dos afectos, das afecções. Há quem defenda que se transmitem pensamentos. Por **telepatia**. E cá vem o *pathos* novamente. Mas agora é um *pathos* teleguiado por um meio telepático. Sabemos que a ciência não aceita esse tipo de fenómenos, pelo menos, por enquanto. Para uns é apenas por enquanto. Outros dirão que não, etc. etc. De qualquer maneira, esta forma de transmissão seria a transmissão dos afectos e eventualmente a transmissão dos pensamentos telepáticos. Não vamos muito longe por aí. Pelo menos eu, crítica e racionalista como sou, não vou por aí. Mas temos a televisão e essa sim também é *tele*. E essa é poderosa. É uma *tele*-visão. Alguma coisa que vemos imediatamente, em transmissão directa, e essa – por ser em directo - tem muito maior força. Para lá do indirecto, do diferido, a transmissão em directo é uma maneira de a Televisão tentar dizer que não é *tele*. É claro que continua a ser *tele*, mas uma transmissão que é em directo tem mais força porque, justamente, pretende escamotear o elemento *tele*.

Finalmente, haveria ainda um outro nível da transmissão e que é transmissão dos saber-fazer, do saber-ser, do saber-estar. Muitos dos memes de que Richard Dawkin fala, têm a ver com isto. A transmissão por exemplificação ou por imitação. Quem transmite estes saberes, exemplifica. Quem aprende, imita, reproduz, repete, treina e, assim, adquire a competência de quem transmite. É assim que se transmitem os inúmeros **saberes-fazer** de que a nossa vida e sobrevivência é, em grande parte, feita. Desde saber lavar os dentes até saber pôr a mesa, andar de bicicleta, guiar automóvel. Há um conjunto de saberes que implicam comportamentos, uma aprendizagem gestual, o controle dos músculos, dos movimentos, que também se transmitem, através do exemplo, e que supõem, naquele que aprende, naquele que recebe a transmissão, a capacidade da imitação, da repetição, da observação, do treino, do exercício. Aquilo que assim se adquire é justamente o tal saber-fazer. O que é lamentável é que, hoje em dia, há muitas pessoas que estão convencidas que todos os saberes são, em última análise, desta natureza. Não sabem distinguir entre o que é aprender um saber deste tipo ou aprender Matemática, ou História, ou Cristalografia ou Francês. Não consigo esquecer um programa de televisão que vi recentemente: um grupo de alunos de 14/15 anos, adolescentes, pujantes, cheios de vitalidade, em volta de uma mesinha a fazer umas brincadeiras com uns tubinhos tipo palhinha de refresco. Estavam encantados a montar cubos, pirâmides, paralelepípedos. E diziam: “isto assim é que é interessante! Assim é que aprendemos matemática”! Na base deste imenso logro, há um erro indesculpável que decorre, justamente, de professores e formadores de professores não saberem distinguir aquilo que é um saber como o da matemática e o que é um saber-fazer como saber descascar ervilhas, saber dactilografia, ou saber tocar violino. Claro está que, no tocar violino,

teríamos que complicar muito as coisas. Mas há inegavelmente um elemento gestual, muscular, corporal envolvido em todas as habilidades artísticas. Por isso é que os gregos tinham uma só palavra para referir justamente este tipo de saberes. Os professores de matemática é que, muitos deles, estão convencidos (foram convencidos pelos seus formadores) que não podem ensinar matemática sem uma caixinha mágica que transportam de sala em sala, uma espécie de lego das crianças, um “material didático” muito importante. Devem estar aqui alguns professores de matemática. Talvez não concordam comigo. Se assim for, estão convidados a atacar com força. Aqui estou para responder ou, pelo menos, para discutir.

Depois há também o saber-ser, o saber-estar, isto é, a transmissão de **valores**. A célebre transmissão de valores que passa pelas questões da cidadania e por coisas a meu ver tão desinteressantes como seja ensinar normas de conduta, regras de etiqueta, o amor à pátria, etc. A palavra ensinar está aqui mal usada. A palavra certa seria inculcar, normalizar, punir, recompensar. Uma transmissão que se faz, sem dúvida, pelo exemplo, mas também pela fala normativa (*deves* fazer isto, *não debes* fazer aquilo), pela punição e pela recompensa. Michel Foucault explicou isso de forma decisiva⁷. Não há como contornar essa sua eloquente e luminosa apresentação do que são, e como funcionam, os mecanismos que visam a domesticação das almas. Saber-ser, saber-estar, saber comportar-se de acordo com a moral vigente. É a isso que se chama educação. E isso tem a ver com a transmissão, sem dúvida. Mas transmissão dos valores, dos hábitos, dos usos, dos costumes, dos *mores*. Eventualmente coisas muito interessantes, como a lealdade e o amor à verdade, ou coisas menos interessantes, como a subserviência, a bajulação, o servilismo. Em qualquer dos casos estamos a falar de valores.

Há uma outra transmissão que é a transmissão da **ideologia**. Os padres, os políticos e todas as espécies de proselitistas encarregam-se disso. A transmissão é agora sobretudo através da palavra mas seguindo uma outra estratégia de transmissão. A violência sobre o outro não é exercida propriamente sobre a vontade. A violência exerce-se agora sobre a própria racionalidade. Vencer a razão do outro através da persuasão. Con-vencer.

Finalmente temos a transmissão de **saberes teóricos**. E por saberes teóricos - é difícil meter tudo num só saco - entendemos coisas como a Matemática e a História ou a Física e a Filosofia. Teóricos vem da palavra teoria, que é uma palavra lindíssima, que, por sua vez, vem do étimo grego *theoria*, que significa visão, contemplação. Por isso, tenho definido o ensino como o processo de “dar a ver”⁸. Temos porém que olhar

⁷ Michel Foucault, *Surveiller et Punir*, Paris: Gallimard, 1975 (em especial, caps. II e III, pp. 172-229).

⁸ Cf. Olga Pombo, “A Matemática e o Trabalho de 'Dar a Ver'”, in Henrique Guimarães (org.), *Dez Anos de PROFMAT. Intervenções*, Lisboa: A.P.M., 1996, pp. 105-121.

esse “ver” com cuidado. Temos de reparar muito bem. As palavras escondem, guardam, conservam uma sabedoria muito grande. Saberes teóricos são exactamente esses saberes que introduzem uma visibilidade do mundo e dos seres que o habitam, visibilidade essa que tem como característica fundamental poder ser objecto de transmissão discursiva. E ainda bem que os saberes teóricos podem ser objecto de transmissão pela palavra. Se assim não fosse, teríamos de ficar à espera que cada um de nós fosse capaz de *ver* por si próprio o que já foi visto por outros. Nós somos anões às costas dos gigantes. Felizmente que existe um outro tipo de fala (não normativa, não persuasiva mas mostrativa e demonstrativa) que é capaz de fazer a transmissão dos saberes teóricos. Essa fala chama-se ensino.

Ora o que acontece é que, agora, a nossa escola, desvaloriza este tipo de transmissão. E aqui está uma das razões pelas quais temos que fazer o elogio da transmissão. Não sejamos inocentes. Porque é que, contra os pedagogos oficiais, me tenho batido pelo elogio do ensino contra a educação. Ensino sim, educação não. Não é que eu seja contra a educação. Eu não estou a fazer o elogio dos meninos mal educados. Claro que eu sei que os professores também são educadores. Mesmo que não quisessem sê-lo, sê-lo-iam. O que acontece é que não é essa a sua função essencial. Para se ser educador não é preciso nada. Para se ser professor é preciso muita coisa. O professor é aquele que faz aquilo que ninguém faria por ele. Agora a educação, a transmissão de valores... Quando entramos num autocarro e há um cavalheiro que está sentado no lugar da grávida e entra uma senhora que está grávida, imediatamente alguém diz, ao lado, à frente, lá atrás: “Não tem vergonha de estar aí sentado? Não vê que esta senhora está grávida”? O que é que esse alguém está a fazer? Está a educar! Está a repreender. A coerção é uma das formas mais comuns da educação. Repreender alguém que não segue um valor respeitado naquele autocarro, naquele país, naquela civilização. Estamos sempre a educar e a ser educados. Do nascimento até à morte. Não é preciso muito. Basta entrar num autocarro. Basta abrirmos um programa de televisão e lá vem uma panóplia de personagens educar-nos e educar os nossos filhos. Quem se preocupa com isso!

Hoje, todos querem que o professor seja educador. Acima de tudo educador. Ora, não é essa a razão pela qual – nós, professores – estamos aqui, nesta escola. Nós estamos aqui para ensinar. Temos pois que fazer o elogio da transmissão dos saberes teóricos. Dizer alto que a educação é uma coisa difusa, que acontece por todo o lado, que há por todo o lado educadores prontos a educar-nos gratuitamente, constantemente. Pelo

contrário, o ensino é uma coisa específica que tem figuras próprias (os professores) e um lugar próprio (a escola), desde há 2.500 anos. Instituição que foi inventada pelas sociedades humanas num determinado momento da sua história, *quando* a ciência se constituiu, *para que* ela se constituísse e simultaneamente, *porque* ela se havia já constituído. Há aqui tema para outra conferência. Para uma outra imensa conversa. A verdade é que, num determinado momento da sua história, a humanidade criou personagens próprios (os professores) e lugares próprios (as escolas) para fazer este tipo específico de transmissão, que não é, nem a transmissão genética, nem a transmissão memética, nem a transmissão por contágio, nem a transmissão por inculcação de valores, nem a transmissão de saberes-fazer por imitação. Que é justamente a transmissão do saber teórico. A transmissão de um saber que permite que cada nova geração consiga, em meia dúzia de anos, aprender aquilo que de fundamental a humanidade conquistou até ao momento e que assim fique em condições de prolongar esse saber. E é essa a missão sagrada dos professores e da escola. Isso é aquilo que só a Escola pode fazer e que só os professores sabem fazer.

Não venham pois atirar para cima dos professores outras competências, outras incumbências, outras obrigações. Não queiram fazer deles sobretudo educadores. Nós temos um Ministério que se chama da Educação. Pois muito bem. Por que é que o Ministério da Educação não se ocupa da Televisão, por exemplo, dos programas que passam à hora a que as crianças chegam a casa, depois da escola, e são sujeitas a doses maciças de educação *televisiva*? E por que é que os Ministros da Educação não vão ver essa programação e pensar se os valores aí veiculados são ou não os adequados para formar o cidadão? Quem se preocupa com isso? Bem sei que tudo isso seria sempre muito decepcionante. Teríamos de seleccionar uma autoridade superior a nível nacional - mais um comité de ética - para escolher os valores para a educação nacional. A educação para a cidadania passava certamente por aí. Mas não é essa transmissão que justifica a vida do professor e a vida da escola. Não é essa transmissão que legitima a invenção da instituição escolar e que dá sentido à nossa acção como professores. Estamos aqui para transmitir. Mas, atenção! Não para transmitir valores. Sim para transmitir saberes teóricos. Com certeza em função dos alunos, etc. etc. Das suas idades, das suas capacidades, sem dúvida. Sugerindo, despertando, ajudando, não impondo, por certo. Mas transmitindo.

Permitam-me que conclua com o **regresso à pergunta inicial**: por que é que há hoje necessidade de fazer o elogio da transmissão?

Porque, por todo o lado, se assiste hoje à desvalorização da transmissão. Pelo menos, deste tipo de transmissão dos saberes teóricos,

isto é, do ensino. A verdade é que, por todo o lado, se faz uma valorização excessiva de outras formas de transmissão, como sejam, a transmissão dos valores, etc. (a educação). O que acontece porém é que isso é feito como se essa não fosse também uma transmissão.

Porque, além disso, a desvalorização de transmissão vai contra uma outra linha de força do nosso mundo contemporâneo, que é a barbárie da inovação. E aqui reencontro George Steiner nalguma coisa que ele diz algures, sobre o amor pelo passado: “Se se perde isso, corre-se o perigo de uma barbárie da inovação”⁹. Pode-se ler esta passagem de muitas maneiras. Pode-se ler isto e dizer: Steiner está a fazer o elogio do passado. Não penso porém que se deva ler assim. Ele não está a fazer o elogio do passado. O que Steiner diz – e não posso senão estar com ele nessa batalha – é que não há presente nem há futuro sem passado. O futuro e o presente sem o passado são para quem – barbaramente – pretende começar tudo de novo. Partir do zero. E essa ideia de começar a partir do zero, de inovar absolutamente, supõe um grande esquecimento e um grande desamor face ao passado. Desamor esse que é fruto sempre da ignorância. Sempre.

No que diz respeito à pedagogia pensou-se que a criança pode aprender sozinha, a partir do zero. Não precisava de professor, não precisava de coisa nenhuma. Rousseau é acusado de ser o mentor desta posição. Ora, Rousseau pensa a educação, não pensa o ensino. Justamente, ele está interessado na educação. Transformar o mundo educando o homem. Não nos esqueçamos: o *Emílio* é contemporâneo do *Contracto Social*¹⁰. Rousseau não está interessado no ensino. Por isso, porque ele é acima de tudo um pensador da educação, ele tem toda a razão naquilo que diz. A verdade é que, no que diz respeito ao ensino, ele é muito confuso e muito contraditório. O que está verdadeiramente por detrás dessa ideia maléfica segundo a qual a escola deve preparar para a inovação e, por isso, a criança deve aprender sozinha (para, como se diz, não ser “limitada”, “influenciada”, por um saber do passado que lhe é “imposto” pelo professor) é a desvalorização da memória face àquilo a que se chama a “criatividade”. Saber de cor, memorizar, são coisas que fazem hoje rir os professores. Talvez não tanto os professores. Pelo menos, não os bons professores. Mas os pedagogos, com certeza.

Steiner faz neste livro o elogio do memorizar, do decorar, do “saber de cor”, expressão que, em francês, se diz *savoir par coeur*. Como escreve:

⁹ Georges Steiner, *Èloge de la Transmission. Le Maître et l'Élève*, Paris : Albin Michel, 2003, p. 75.

¹⁰ Rousseau trabalha em simultâneo nos dois livros a partir de 1759. Os dois livros são postos à venda em 1762, o *Contracto Social* em Abril e o *Emílio* em Maio. A 19 de Junho, os livros são ambos queimados em Genebra e é decretada ordem de prisão para o seu autor. Para uma apresentação introdutória da obra e vida de Rousseau, cf. Olga Pombo, *Biobibliografia de Jean-Jacques Rousseau* (acessível online in: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/biobibliografia.pdf>) e *Convite à Leitura de Rousseau* (1995), in: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/conviteleitura.htm>

“aquilo que se aprendeu por coração transforma-se em nós e transformamos a nós durante toda a vida”¹¹.

Estou também com ele nesta batalha. E vós?

¹¹ Cf. Georges Steiner, *Èloge de la Transmission. Le Maître et l'Élève*, Paris : Albin Michel, 2003, p. 60.